

## RELAÇÃO ENTRE GÊNERO, EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

Xenusa Pereira Nunes<sup>1</sup>; Gáudia Maria Costa Leite Pereira<sup>2</sup>; Julianeli Tolentino de Lima<sup>3</sup>

<sup>1</sup>*Prefeitura Municipal de Casa Nova - Bahia, [xenusa.nunes@gmail.com](mailto:xenusa.nunes@gmail.com)*

<sup>2</sup>*Universidade Federal do Vale do São Francisco, [gaudiacosta@gmail.com](mailto:gaudiacosta@gmail.com)*

<sup>3</sup>*Universidade Federal do Vale do São Francisco, [julianeli.lima@gmail.com](mailto:julianeli.lima@gmail.com)*

### Resumo

O estudo se justifica por permitir a reflexão e contribuir com os debates sobre as relações de poder entre gênero, na Educação Física e esporte. O artigo objetivou investigar, na literatura científica, informações que comprovassem a relação existente entre gênero, Educação Física e esporte, avaliando a existência ou não da desigualdade de gênero nesta relação. Foram selecionados artigos das bases de dados LILACS, MEDLINE e SCIELO, publicados no período de 1998 a 2017, utilizando os seguintes descritores: “gênero”, “educação física”, “esportes” e “preconceito”. Como critérios de inclusão: a) estudos originais publicados de 1998 a 2017. Como critério de exclusão: a) artigos fora do período especificado e b) relatos de caso. Dois pesquisadores independentes realizaram as buscas. No total, 16 estudos foram selecionados. Foram realizadas leituras a partir do título, passando pelo resumo e, caso atendessem aos critérios de inclusão, foi realizada a leitura completa do estudo. No caso da Educação Física, mais especificamente nas atividades esportivas, observa-se a tradição dos valores e normas masculinas dominantes que reafirmam o mito do “sexo forte” e limitam o espaço feminino, porém a identidade de gênero deve ser compreendida como uma construção e não como um destino traçado pela biologia do sexo. A Educação Física e alguns esportes marcam de forma explícita as identidades de gênero, sendo preciso encontrar caminhos que alterem esta configuração social das relações de poder entre os gêneros, diminuindo as hierarquias e estereótipos impostos socialmente, contribuindo na construção da identidade de gêneros tendo em vista a sua pluralidade.

**Palavras-chave:** Educação física; esportes; gênero; preconceito.

### Introdução

O tema “Gênero e sexualidades na Educação Física (EF) e Esporte” tem despertado o interesse de pesquisas em diversas áreas do conhecimento (DORNELLES; FRAGA, 2009). Estudiosos afirmam que a EF/Esporte contribuem de forma evidente para a afirmação de uma identidade dominante masculina, pois prioriza, em seu currículo, atividades culturalmente determinadas como masculinas (DAOLIO, 2003).

O presente estudo se justifica por permitir uma reflexão pertinente ao tema que poderá contribuir com os debates sobre as relações de poder entre gênero, na EF e esporte.

O artigo objetivou investigar, na literatura científica, informações que comprovassem a relação existente entre gênero, EF e esporte, avaliando a existência ou não da desigualdade de gênero nesta relação quando se presume que a mulher seja tratada como sendo inferior ao homem sem que haja questionamentos sobre a presença de preconceito nessa relação.

## **Metodologia**

Foram selecionados artigos das bases de dados LILACS, MEDLINE e SCIELO, publicados no período de 1998 a 2017, utilizando os seguintes descritores: “gênero”, “educação física”, “esportes” e “preconceito”. As bases de dados foram escolhidas utilizando-se como critério a presença de artigos que abordavam o tema da presente revisão. O operador booleano utilizado nestas bases foi “AND” e o período de coleta desses dados foi de 15/08/2017 a 17/08/2017. Como critérios de inclusão: a) estudos originais publicados de 1998 a 2017. Como critério de exclusão: a) artigos fora do período especificado e b) relatos de caso. Dois pesquisadores independentes realizaram as buscas. No total, 16 estudos foram selecionados para a presente revisão. Foram realizadas leituras a partir do título, passando pelo resumo e, caso atendesse aos critérios de inclusão, foi realizada a leitura completa do estudo.

## **Resultados e Discussão**

Foram encontradas 26 publicações, das quais 10 foram excluídas por não atenderem aos critérios de inclusão.

Gênero é o mecanismo segundo o qual se produzem e naturalizam noções do masculino e feminino, bem como o mecanismo mediante o qual esses termos são desconstruídos e desnaturalizados (BUTLER, 2002) e sexualidade é definida como uma dimensão biológica produzida no contexto social, cultural e histórico, no qual o sujeito se encontra inserido (CARVALHO; RODRIGUES e MEDRADO, 2005).

Os conflitos inerentes à questão de gênero e sexualidade são identificados ao longo da história da civilização. A discussão sobre gênero reflete as diferenças entre sujeitos, levando em consideração os sistemas sociais, dentro dos quais diferenças e hierarquias são construídas (SALLES-COSTA, 2003).

Silveira e Stigger (2013) afirmam que esporte é “tradicionalmente uma das mais importantes áreas reservadas masculinas”.

A participação feminina na segunda edição dos Jogos Olímpicos Modernos que, apesar de não ter se consolidado de forma tranquila, muito menos fácil, possibilitou certa visibilidade à imagem

da mulher atleta. A prática esportiva feminina começou a ganhar espaço na sociedade, em que antes era um espaço considerado essencialmente masculino (GOELLNER, 2005).

Desde o início do século, na Europa, multiplicavam-se os ginásios, os professores de ginástica e os manuais de medicina que chamavam atenção para as vantagens físicas e morais dos exercícios, o que estimulou as mulheres a começarem a pedalar ou a jogar tênis. Porém, essa prática causou muito preconceito, não faltou quem achasse a novidade imoral e até mesmo pecado, pois alguns achavam que o papel de mãe dedicada exclusivamente ao lar, seria maculado. Era como se as mulheres estivessem se apropriando de exercícios próprios à atividade masculina (PRIORI, 2015).

Percebe-se que a repreensão da mulher que tenta ousar na construção da equidade apela-se para elementos punitivos calcados na religião e atingindo sua dignidade, mostrando que não existe liberdade e direitos iguais entre o masculino e o feminino, sendo que o mesmo não se aplica ao masculino, reproduzindo e consolidando a injustiça como natural.

A prática esportiva feminina, o cuidado com a aparência, o desnudamento do corpo e o uso de artifícios estéticos eram identificados como impulsionadores da modernização da mulher e da sua autoafirmação na sociedade, porém no início do século eram considerados como de natureza vulgar que a aproximava do universo da desonra e da prostituição (GOELLNER, 2005a).

No campo do esporte, esta desigualdade de gênero é bastante aparente, o vários autores demonstram este fato em seus estudos (OLIVEIRA, CHEREM e TUBINO, 2008; VALPORTO, 2006).

No caso da EF, mais especificamente nas atividades esportivas, observa-se a tradição dos valores e normas masculinas dominantes que reafirmam o mito do “sexo forte” e limitam o espaço feminino (COSTA; SILVA, 2002), porém a identidade de gênero deve ser compreendida como uma construção e não como um destino traçado pela biologia do sexo (PRADO; RIBEIRO, 2010).

Conforme Goellner (2005b):

“o suor excessivo, o esforço físico, as emoções fortes, as competições, a rivalidade consentida, os músculos delineados, os gestos espetacularizados do corpo, a liberdade de movimentos, a leveza das roupas e a seminudez, práticas comuns ao universo da cultura física, quando relacionadas à mulher despertavam suspeitas porque pareciam abrandar certos limites que contornavam uma imagem ideal de ser feminina. Pareciam, ainda, desestabilizar o terreno criado e mantido sob o domínio masculino cuja justificativa, assentada na biologia do corpo e do sexo, deveria atestar a superioridade deles em relação a elas”

Aos meninos são atribuídas atividades esportivas mais agressivas e rápidas, às meninas atividades mais suaves e morosas. Aos que não se encaixam nesse padrão, se aplicam censuras que em geral se dá em forma de bullying. Mesmo para modalidades esportivas em que meninos e meninas participam, os grupos são formados por gêneros, separando uns dos outros e muitas vezes considerando graus de exigências diferenciados.

Os parâmetros curriculares nacionais (BRASIL, 1998, p. 42) de EF descrevem que:

“As aulas mistas de Educação Física podem dar oportunidades para que meninos e meninas convivam, observem-se, descubram-se e possam aprender a ser tolerantes, a não discriminar e a compreender as diferenças, de forma a não reproduzir, de forma estereotipada, relações sociais autoritárias.”

Swain (2016) relata que a partir do momento em que se nomeia determinada estrutura ou composição corporal como fator indispensável a um bom desempenho nas atividades esportivas, bem como se pontua as atividades corporais que melhor se adequam às práticas masculinas ou femininas isso pode causar agrupamento em “nichos” de normalidade ou anormalidade entre os sujeitos na sociedade.

Estudo realizado por Mina e Goellner (2015) concluiu que mulheres colombianas, que jogam futebol, são questionadas sobre sua feminilidade e sexualidade, caracterizando uma visão universalista e biologicista sobre suas capacidades e habilidades para trabalhar neste esporte que é socialmente considerado masculino, provando assim, a existência de discriminação de gênero.

A sociedade preconceituosa busca elementos nos esportes que sirvam como critérios para distinguir o masculino e feminino, como se determinada modalidade de prática esportiva tivesse o poder de fazer essa distinção.

Nunes et al., (2014) realizaram um levantamento sobre o embate que o futebol provoca entre meninos e meninas nas turmas dos 4º e 5º anos do ensino fundamental e notou que o futebol desperta interesse entre os meninos, enquanto as meninas preferem brincar de elástico, pular corda e dançar. O autor conclui que existe uma forte influência da reprodução equivocada dos adultos embutida no imaginário social e cultural de ambos os gêneros. Desse modo, a transmissão de valores sociais equivocados interfere negativamente nas relações de gênero e podem ocasionar o desinteresse e a vergonha entre as meninas, e a reprodução machista e preconceituosa entre os

meninos. Nota-se que o autor enfatiza a influência equivocada dos adultos, que leva as meninas a se desinteressarem e se envergonharem de participar do futebol, tido masculino. Mas não se manifesta quanto à possibilidade de os meninos não sentirem o mesmo em relação ao brincar com elástico.

É notório que o universo do futebol se caracteriza por ser, desde sua origem, um espaço extremamente masculino, expressando claramente as relações de gênero (FRANZINI, 2005), em que o discurso preconceituoso e estereotipado transmitido ao longo do último século quanto a esta prática é o principal empecilho para a prática do futebol feminino (JÚNIOR; DARIDO, 2002). Outros esportes que apresentam preconceito de gênero e são considerados esportes de/para homens são o Rugby (MOURA et al, 2017) e as lutas (GOELLNER, 2005). A recíproca também é verdadeira quanto a modalidades tradicionalmente femininas que atraem pouco a presença de homens, como “Nado Sincronizado” e “Ginástica Rítmica”. A tradição em si não caracterizaria injustiça e preconceito, mas a atribuição social do valor da modalidade no contexto da competição e a discriminação e o preconceito sofrido pelos praticantes, se masculino ou feminino, em espaços tidos predominantes como de um ou de outro.

Tabela1. Conclusões dos autores sobre a relação entre gênero, educação física e esporte

AUTOR	ANO	CONCLUSÃO
MOURA et al.	2017	Rugby é considerado esporte de/para homens
PRIORI	2015	Preconceito com a prática esportiva feminina
MINA E GOELLNER	2015	Discriminação com jogadoras colombianas de futebol
NUNES et al.	2014	Reprodução machista e preconceituosa entre meninos sobre futebol praticado por meninas
GOELLNER	2005	A prática esportiva feminina considerada de natureza vulgar. Lutas são esportes de/para homens.
FRANZINI	2005	Futebol é um espaço extremamente masculino
COSTA e SILVA	2002	A Educação Física limita o espaço feminino

Algumas áreas de estudos de gênero necessitam maiores reflexões como exemplo: EF e o Esporte como espaços de construção das identidades de gênero; construção de identidades homoeróticas na EF e no Esporte; produção de sentidos nas imagens de homens e mulheres na mídia esportiva; estratégias de resistência às relações de hierarquização de gênero constituídas na

EF e no Esporte; estudos sobre gênero e violência no esporte; e reprodução da hierarquia de gênero nos currículos de cursos de formação superior em EF (DEVIDE et al., 2011).

Sayão (2002) afirma que é necessária uma política de igualdade social entre homens e mulheres, para buscar um rompimento com a dimensão sexista da EF, que impede uma convivência mais solidária entre os meninos e as meninas, homens e mulheres. Sobre isto, entretanto, o que se busca não é a igualdade dos gêneros, mas a equidade. A mulher não pretende ser igual ao homem, mas sim, na sua diferença, ambos receberem tratamento justo, sem preconceito e discriminação. Ambos terem o mesmo valor e a mesma aceitação onde quer que estejam.

## **Conclusões**

Diante do exposto foi possível observar a relação entre gênero, EF e Esporte, em que se percebe que a EF e alguns esportes marcam de forma explícita as identidades de gênero e que é preciso encontrar caminhos que alterem esta configuração social das relações de poder entre os gêneros, diminuindo as hierarquias e estereótipos impostos socialmente, a fim de contribuir na construção da equidade de gêneros tendo em vista a sua pluralidade.

## **Referências**

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BUTLER, J. *Undoing Gender*. **Routledge**, New York, 2002.

CARVALHO, A.M; RODRIGUES, C.S.; MEDRADO, K.S. Oficinas em sexualidade humana com adolescentes. **Estudos de Psicologia**, v.10, n.3, p.377-384, 2005.

COSTA, M.R.F; SILVA, R.G. A educação física e a co-educação: igualdade ou diferença? **Rev. Bras. Cienc. Esporte**. Campinas, v.23, n.2, p.43-54, jan, 2002.

DAOLIO, J. **A construção cultural do corpo feminino, ou o risco de transformar meninas em “antas”**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.



DEVIDE, F.P., et al. Estudos de gênero na Educação Física Brasileira. **Motriz**, v.17, n.1, p.93-103, jan./mar, Rio Claro, 2011.

DORNELLES, P.G.; FRAGA, A.B. Aula mista versus aula separada? uma questão de gênero recorrente na educação física escolar. **Rev. Bras. de Doc., Ens. e Pesq. em Educ. Fís**, v.1, n.1, p.141-156, Ago, 2009.

FRANZINI, F. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Rev. Bras de Hist.** São Paulo, v.25, n.50, p.315-328, 2005.

GOELLNER, S.V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esp.**, v.19, n.2, p.143-51, abr./jun, São Paulo, 2005a

GOELLNER, S. V. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem histórias. **Pensar a Prática**, Goiás, v. 8, n.1, p. 85-100, 2005a

JÚNIOR, O.M; DARIDO, S.C. A prática do futebol feminino no ensino fundamental. **Motriz**, v.8 n.1, p:1-9, Jan-Abr, 2002.

MINA, C.Y.M.; GOELLNER, S.V. Representaciones sociales de la selección femenina de fútbol de Colombia en la Copa América 2014. **Educación Física y Deporte**, v.34, n.1, p.39-72, Ene-Ju, 2015.

MOURA, G.X. Mulher e esporte: o preconceito com as atletas de Rugby da cidade de Maringá-PR. **Motrivivência (Florianópolis)**, v.29, n.50, p.17-30, mai. 2017.

NUNES, H.F., et al. Educação física, futebol e gênero: uma proposta de ensino a partir das relações de poder. **Pensar a Prática**, v.17, n.4, out./dez, Goiânia, 2014.

OLIVEIRA, G, CHEREM, E.H.L; TUBINO, M. J.G. A inserção histórica da mulher no esporte. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v.16, n.2, p.117-125, 2008.

PRADO, V.M; RIBEIRO, A.I.M. Gêneros, sexualidades e Educação Física escolar: um início de conversa. **Motriz**, v.16, n.2, p.402-413, abr./jun, 2010.

PRIORI, M.L.M. **Palestra congresso saúde da mulher**. Periódico do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero e Direito. Centro de Ciências Jurídicas - Universidade Federal da Paraíba. Nº 01. 2015.

SALLES-COSTA, et al. Gênero e prática de atividade física de lazer. **Cad. Saúde Pública**, v.19, Sup. 2, p.325-333, Rio de Janeiro, 2003.

SAYÃO, D.T. A construção de identidades e papéis de gênero na infância: articulando temas para pensar o trabalho pedagógico da educação física na educação infantil. **Pensar a Prática**, v.5, p.1-14, jul./jun, 2002.

SILVEIRA, R; STIGGER, M.P. Jogando com as feminilidades: um estudo etnográfico em um time de futsal feminino de porto alegre. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte*, v.35, n.1, p.179-194, 2013.

SWAIN, T.N. Lesbianismos, cartografia de uma interrogação. **Revista Esboços**, v.23, n.35, p.11-24, set. 2016.

VALPORTO, O. **Atleta, substantivo feminino: As mulheres brasileiras nos jogos olímpicos**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra. 2006.